



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 08/09/2017 a 14/09/2017

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI e aluna do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e ADM – Administração UNIJUI

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
08/09/2017	9,56	300,90	34,59	4,13	3,44
11/09/2017	9,54	298,90	34,79	4,12	3,45
12/09/2017	9,44	295,10	34,84	4,19	3,40
13/09/2017	9,53	300,30	34,72	4,20	3,38
14/09/2017	9,67	308,70	34,66	4,28	3,41
Média	9,55	300,78	34,72	4,18	3,42

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

Médias semanais* (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média	Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	66,85	0,53
RS - Santa Rosa	65,95	0,30
RS - Ijuí	65,95	0,30
PR - Cascavel	65,40	1,30
MT - Rondonópolis	61,00	1,04
MS - Ponta Porá	59,50	0,42
GO - Rio Verde (CIF)	61,90	0,45
BA - Barreiras (CIF)	61,70	1,15
MILHO		
Argentina (FOB)**	152,00	1,16
Paraguai (FOB)**	105,00	2,94
Paraguai (CIF)**	146,50	3,90
RS - Erechim	30,10	4,15
SC - Chapecó	29,25	1,96
PR - Cascavel	24,50	2,24
PR - Maringá	23,60	0,69
MT - Rondonópolis	18,75	1,21
MS - Dourados	20,50	2,82
SP - Mogiana	25,30	4,33
SP - Campinas (CIF)	29,30	1,91
GO - Goiânia	24,50	2,35
MG - Uberlândia	27,50	1,38
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	590,00	-2,48
RS - Santa Rosa	590,00	-2,48
PR - Maringá	595,00	-9,16
PR - Cascavel	610,00	-6,33

Período entre 08/09/2017 a 14/09/17

ND = Não Disponível.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 14/09/2017

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	23,49	60,04	30,64

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 14/09/2017

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	38,35
Feijão (saco 60 Kg)	132,37
Sorgo (saco 60 Kg)	ND
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,27
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,04
Boi gordo (Kg vivo)*	4,74

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja em Chicago oscilaram bastante nesta semana, com o encerramento da quinta-feira (14) em alta, puxado pela boa demanda pela soja dos EUA. O referido fechamento ficou em US\$ 9,67/bushel, contra US\$ 9,63 uma semana antes, para o primeiro mês cotado. E isto que o relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado no dia 12/09, foi baixista.

De fato, tal relatório surpreendeu parte do mercado, pois trouxe números maiores de produção de soja nos EUA. A produção final estadunidense, cuja colheita se inicia neste mês de setembro, está agora estimada em 120,6 milhões de toneladas, um novo recorde histórico. Todavia, os estoques finais nos EUA, para o ano 2017/18, não foram alterados, ficando em 12,9 milhões de toneladas, já que houve aumento do volume a ser exportado. Com isso, o patamar de preços médios em Chicago ficou estabelecido entre US\$ 8,35 e US\$ 10,05/bushel para o atual ano comercial 2017/18.

Quanto à produção mundial de soja, o relatório indicou um volume total de 348,4 milhões de toneladas e estoques finais mundiais em 97,5 milhões. Tais estoques são os mais elevados dos últimos anos. A produção brasileira permaneceu estimada em 107 milhões de toneladas para 2017/18, enquanto a da Argentina ficou em 57 milhões de toneladas. Enfim, as importações de soja por parte da China foram aumentadas para 95 milhões de toneladas. Com este volume, os chineses deverão importar 63,8% de toda a soja comprada pelo mundo em 2017/18.

Entretanto, as altas nos dias seguintes ao relatório mostram que os operadores na Bolsa desconfiam dos números do USDA. Após uma natural queda das cotações no dia do anúncio do relatório, o mercado se recuperou nos dias seguintes de forma consistente, constituindo um cenário de fortes oscilações e dúvidas. Muitos apontam que as quebras climáticas nas lavouras estadunidenses são mais importantes do que o até o momento considerado. Entretanto, é bom lembrar que houve um aumento de 7% na área semeada naquele país. Pelo sim ou pelo não, o fato é que o mercado, a partir de agora começará a sofrer a pressão da colheita e o clima nos EUA tende a perder força como elemento de especulação de preços, salvo se houver dificuldades na colheita.

Vale destacar que a qualidade das lavouras estadunidenses, até o dia 03/09, indicava 60% das mesmas entre boas a excelentes, com recuo de um ponto percentual em relação a semana anterior. Neste sentido, enquanto o USDA projeta uma produtividade média de 55,9 sacos/hectare no final da colheita, parte do mercado estima que a mesma será menor, devendo ficar ao redor de 52,7 sacos/hectare. Esta queda de braço é que definirá o futuro das cotações, a partir do momento em que a colheita indicar um número real de produtividade nas próximas semanas.

Por sua vez, as exportações líquidas de soja, por parte dos EUA, referentes ainda ao ano comercial 2016/17, indicaram um volume final de 366.400 toneladas na semana encerrada em 31/08. Para o ano 2017/18 o volume alcançou 1,5 milhão de toneladas. No somatório dos dois anos, o volume superou o esperado pelo mercado.

Na Argentina, o esmagamento de soja em julho atingiu a 4,3 milhões de toneladas, contra 3,9 milhões em junho. No total do ano comercial 2017/18 argentino, iniciado em

1º de abril, o esmagamento chega a 16,7 milhões de toneladas, contra 16,1 milhões no mesmo período do ano anterior.

Pelo lado da demanda, a China anunciou que importou 8,5 milhões de toneladas de soja em agosto, ou seja, 10% abaixo do realizado no mês de julho, mas um recorde para agosto. No ano comercial outubro/16 a setembro/17 os chineses já haviam importado 85,4 milhões de toneladas, faltando apenas 5,6 milhões de toneladas em setembro para fechar o total projetado para todo o corrente ano comercial. O mercado espera, inclusive, que o referido ano termine com importações maiores por parte dos chineses (cf. AgResource).

No Brasil, os preços da soja pouco se alteraram, pois o câmbio voltou a apontar para um Real ainda mais valorizado. Em alguns momentos da semana o mesmo chegou a oscilar entre R\$ 3,05 e R\$ 3,10 por dólar. Assim, o balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 60,04/saco, com leve melhora sobre a semana anterior, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 65,00 e R\$ 66,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 55,00/saco em Sorriso (MT) e R\$ 68,00/saco em Campos Novos (SC), passando por R\$ 58,00 em Chapadão do Sul e São Gabriel (MS); R\$ 58,50 em Goiatuba (GO); R\$ 61,50 em Pedro Afonso (TO); R\$ 63,50 em Uruçuí (PI); e R\$ 66,50/saco em Pato Branco (PR).

Em relação a safra passada brasileira, a comercialização até o dia 08/09 chegava a 80% do total, contra 88% na média histórica para esta época do ano. No Rio Grande do Sul a mesma atingia a 60%, contra 77% na média; no Paraná chegava a 75%, contra 82%; e no Mato Grosso alcançava 89%, contra 94%. Já quanto às vendas futuras relativas à nova safra que começa a ser semeada no país, o percentual até o dia 08/09 era de 11%, contra 21% na média nacional. No Rio Grande do Sul havia 6% comercializado, contra 12% na média; no Paraná 8%, contra 14%; no Mato Grosso 15%, contra 26%; no Mato Grosso do Sul 13%, contra 22%; em Goiás 9%, contra 23%; em São Paulo 6%, contra 14%; em Minas Gerais 8%, contra 20%; e na Bahia 12%, contra 26% na média histórica (cf. Safras & Mercado). Ou seja, os produtores resistem em vender antecipadamente, repetindo o comportamento do ano anterior, na expectativa de que os preços futuros venham a ser melhores, já que os custos de produção não recuam. Tal estratégia, todavia, ficará muito dependente do câmbio no Brasil, na medida em que uma safra cheia se consolida mais uma vez nos EUA e um plantio em crescimento se desenha na América do Sul para esta primavera/verão.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 24/08/2017 a 14/09/2017.

Gráfico da Variação das Cotações do GRÃO DE SOJA entre 24/08/2017 e 14/09/2017 (CBOT)

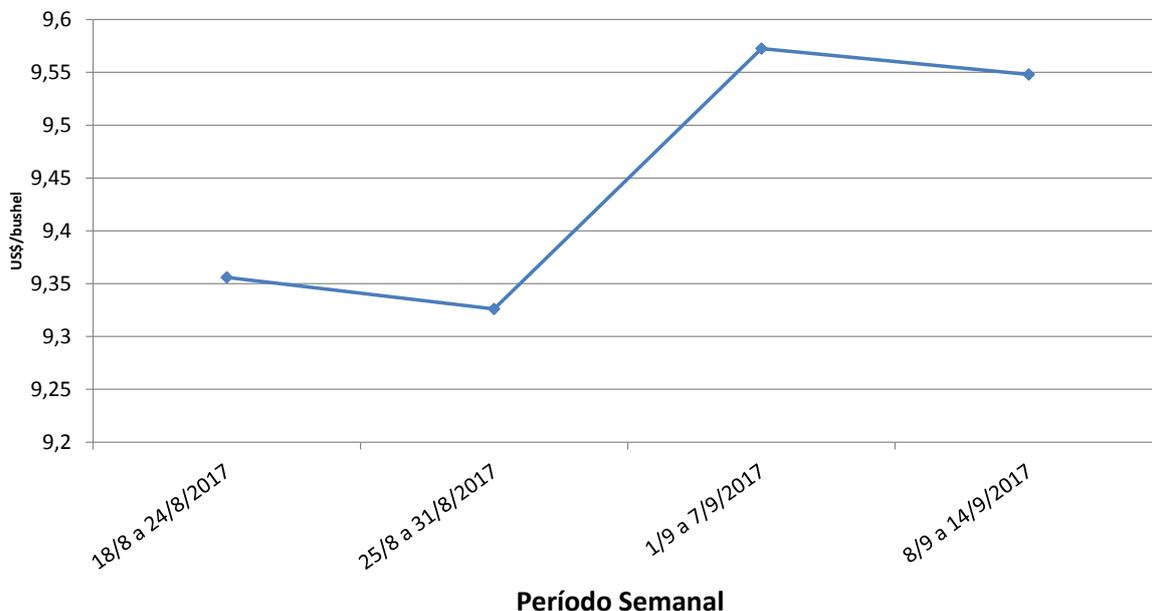
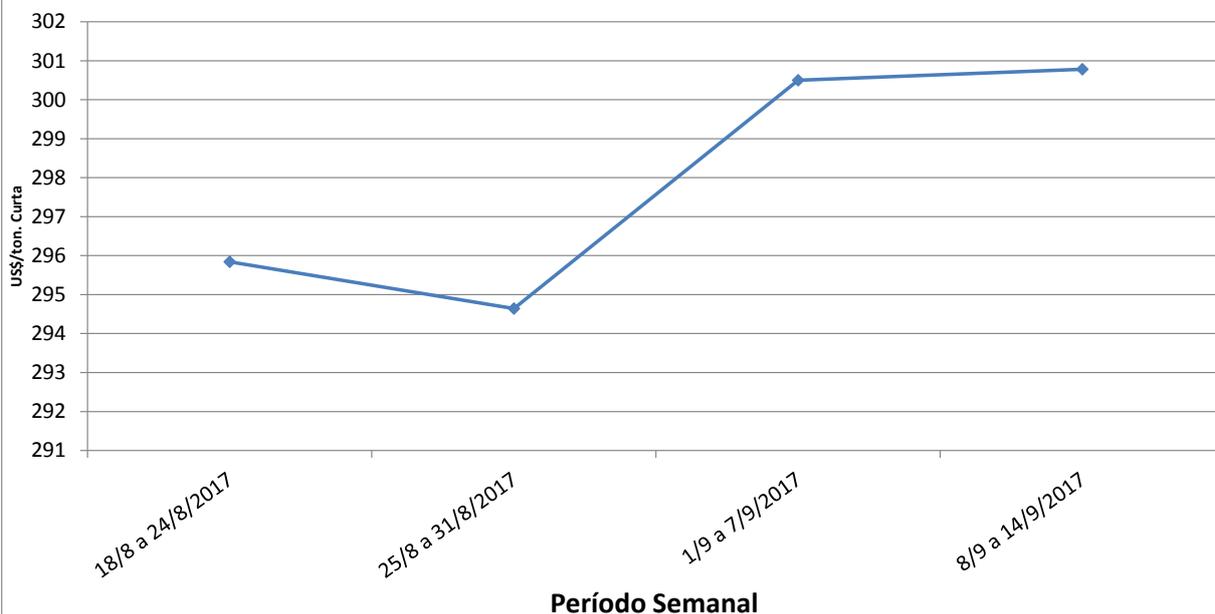
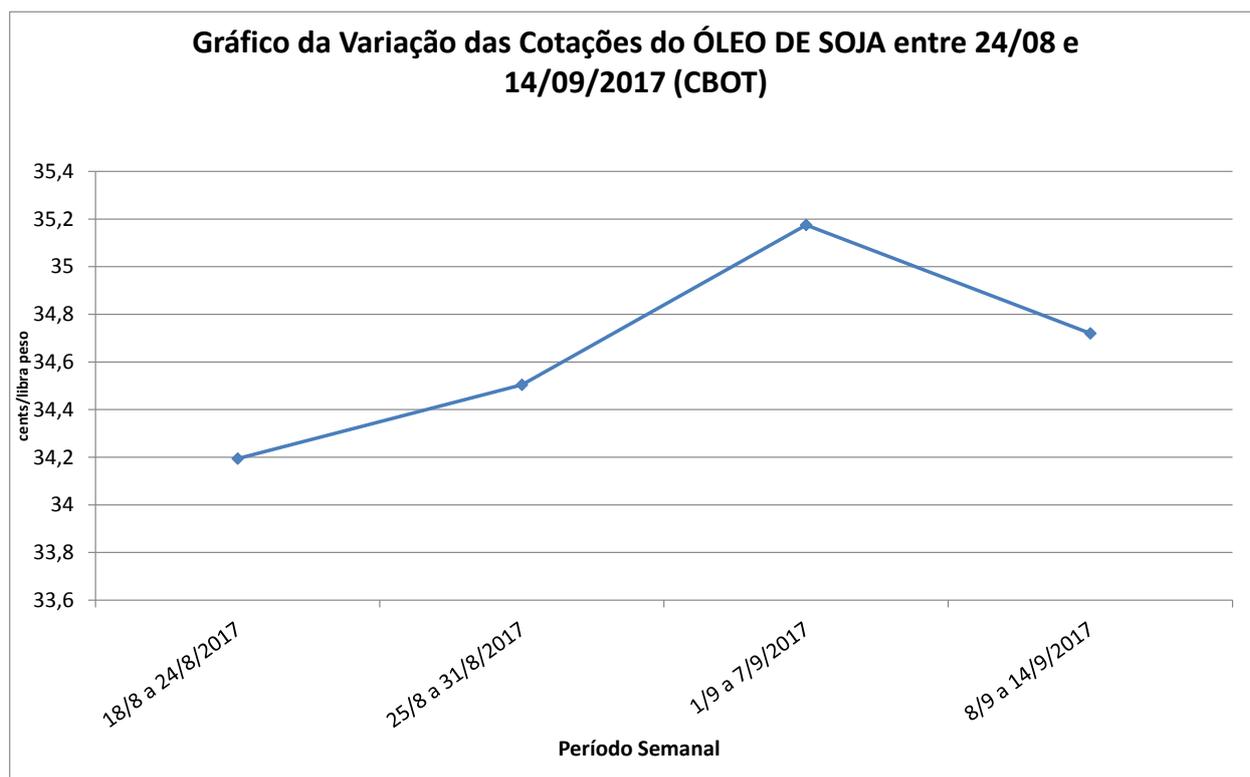


Gráfico da Variação das Cotações do FARELO DE SOJA entre 24/08 e 14/09/2017 (CBOT)





MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago igualmente oscilaram, porém, acabaram fechando a quinta-feira (14) no mesmo nível da semana anterior, ou seja, US\$ 3,41/bushel.

O relatório do USDA acabou surpreendendo o mercado, pois trouxe uma estimativa de colheita superior para os EUA. O mesmo indicou um volume final de 360,4 milhões de toneladas de milho, com estoques finais em 59,3 milhões. Com isso, o patamar de preços médios aos produtores locais foi reduzido para valores entre US\$ 2,80 e US\$ 3,60/bushel para o corrente ano 2017/18.

Em termos globais, a safra mundial ficou estimada agora em 1,032 bilhão de toneladas, com estoques finais em 202,5 milhões de toneladas. A produção da Argentina e do Brasil está estimada em 42 e 95 milhões de toneladas respectivamente, enquanto o relatório apontou exportações brasileiras ao redor de 34 milhões de toneladas em 2017/18.

Dito isso, a pressão da colheita nos EUA já começa a existir, associada a exportações estadunidenses que ainda não entusiasmam tendo ficado em 1,48 milhão de toneladas na semana anterior.

Ao mesmo tempo, as condições das lavouras nos EUA se mantiveram em 61% entre boas a excelentes, até o dia 03/09, enquanto a colheita, até esta data, dava conta de 5% da área já cortada.

Na Argentina e no Paraguai a tonelada FOB ficou em US\$ 150,00 e US\$ 105,00 respectivamente.

Já no Brasil, os preços continuaram estáveis, havendo algum viés de alta regional em função de os produtores da safrinha nacional, particularmente em São Paulo, estarem segurando o produto visando preços melhores. A média no balcão gaúcha fechou a semana em R\$ 23,49/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 29,50 e R\$ 30,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 14,50/saco em Sorriso, Campo Novo do Parecis e Sapezal (MT) e R\$ 29,00/saco em Videira e Concórdia (SC).

O mercado interno está muito dependente da retomada das vendas por parte dos produtores da safrinha. Quanto mais os mesmos segurarem o produto, mais pressão altista ocorrerá no porto, onde há, neste momento, filas de navios para embarcar o milho nacional. Outro fator que já preocupa é o atraso nas chuvas em setembro, atingindo as lavouras de verão do centro-oeste, sul e sudeste brasileiros em particular. Dito de outra maneira, os estoques estão em mãos dos produtores, especialmente paulistas, enquanto os consumidores se veem sem produto e começam a pressionar para compras.

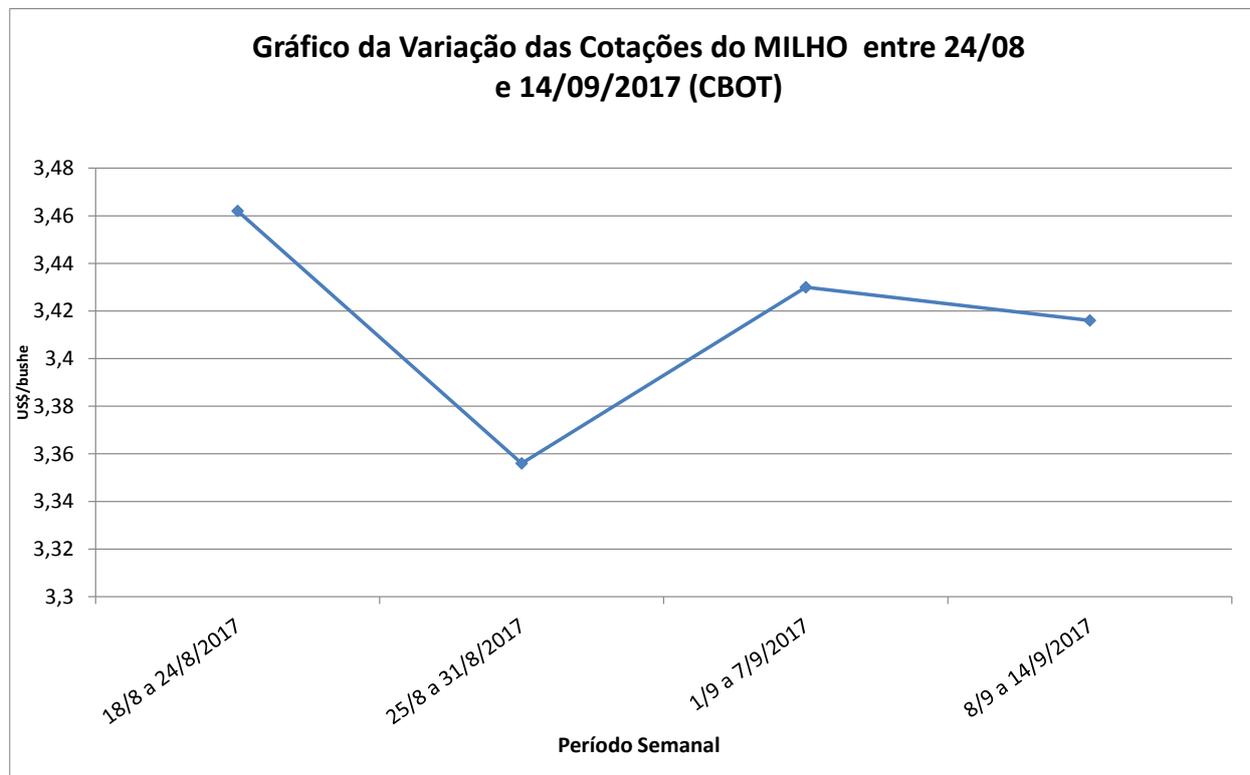
Soma-se a este contexto conjuntural o fato de que os embarques de milho, por parte do Brasil, continuarem aumentando, mesmo diante de um Real valorizado. Setembro já teria embarcado 1,5 milhão de toneladas e as nomeações de navios para o total do mês chegam a 5,8 milhões de toneladas. Em se conservando tal volume nos meses seguintes, o país finalmente conseguirá dar conta de boa parte de seus estoques excedentes, fato que permitirá melhoria no preço do cereal ao produtor. O referencial Campinas, por exemplo, fechou a atual semana em R\$ 29,00 a R\$ 29,50/saco no CIF disponível, quando há poucos dias o mesmo não atingia a R\$ 25,00/saco.

Apesar deste movimento altista, é bom não esquecer que o avanço na colheita dos EUA tende a forçar baixas de preços em Chicago, tornando o milho brasileiro menos competitivo, especialmente se o Real continuar nos atuais níveis cambiais. Além disso, ainda há grande volume de milho safrinha a ser comercializado.

Por outro lado, o plantio da nova safra de verão do Centro-Sul brasileiro está indicando uma forte redução de área. A projeção atual é de 3,85 milhões de hectares, contra 5,3 milhões no ano anterior. Isso representa um recuo de 27,4% na área semeada. Não há dúvidas de que sendo confirmado tal recuo, a pressão altista sobre os preços do cereal se fará sentir a partir do início de 2018. Especialmente se o clima trouxer alguma surpresa negativa (fala-se em retorno do La Niña neste verão, o que seria sinônimo de falta de chuvas, problema que já aparece em muitas regiões brasileiras no momento). No Rio Grande do Sul a área cairia em 27,3% no plantio do milho de verão. Até o dia 08/09, no conjunto do Centro-Sul brasileiro tal plantio chegava a 3,8% da área, contra 5,2% em igual momento do ano anterior, sendo 15% no Rio Grande do Sul, contra 17% no ano anterior. Paralelamente, a colheita da safrinha nacional estava praticamente encerrada neste início de setembro (cf. Safras & Mercado).

Enfim, vale ainda destacar que as projeções de estoques finais para o Brasil, para a safra total de milho 2018 foram reduzidas para 18,6 milhões de toneladas no momento, contra 20,4 milhões em 2017 (cf. Safras & Mercado). Mesmo assim, estoques elevadíssimos considerando-se a média histórica nacional.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 24/08/2017 a 14/09/2017.



MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago subiram durante a semana e o bushel fechou a quinta-feira (14) em US\$ 4,28, contra US\$ 4,13 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda do USDA, anunciado em 12/09, não trouxe grandes surpresas ao trigo. A produção dos EUA, em 2017/18, permaneceu em 47,3 milhões de toneladas e os estoques finais em 25,4 milhões. O patamar de preços médios, todavia, sofreu redução, ficando agora entre US\$ 4,30 e US\$ 4,90/bushel para o corrente ano comercial, contra US\$ 3,89 na média de 2016/17 e US\$ 4,89/bushel na média de 2015/16. Em termos mundiais, a produção total está agora estimada em 744,8 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais ficam em 263,1 milhões de toneladas, com leve recuo sobre o apresentado no relatório de agosto. A produção da Argentina seria de 17,5 milhões de toneladas, com exportações de 11,5 milhões, enquanto a produção do Brasil é estimada em 5,2 milhões de toneladas, enquanto as importações somariam 7,2 milhões de toneladas em 2017/18.

O clima seco em parte das regiões produtoras dos EUA tem pesado mais sobre o mercado do que a pressão do início da colheita naquele país. Ao mesmo tempo, mesmo sem exportações expressivas, a competitividade do produto estadunidense se mantém elevada, graças a uma desvalorização do dólar, fato que sustenta igualmente as cotações. Enfim, ajudou parcialmente o pequeno corte nos estoques mundiais de

trigo indicados pelo relatório do USDA, corte este que acabou ficando acima do esperado pelo mercado.

No Mercosul, a tonelada FOB para exportação ficou entre US\$ 180,00 e US\$ 220,00.

Já no Brasil, os preços continuam baixando lentamente, sob pressão da colheita já em desenvolvimento no Paraná. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 30,64/saco, enquanto os lotes se mantiveram na média de R\$ 34,80/saco. No Paraná, o balcão oscilou entre R\$ 33,50 e R\$ 35,00/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 35,40 e R\$ 37,20/saco. Em Santa Catarina, o balcão se manteve entre R\$ 33,00 e R\$ 36,00/saco, enquanto os lotes ficaram em R\$ 36,00/saco.

Mesmo com uma safra registrando perdas importantes, especialmente em qualidade, os preços estão cedendo pelo volume que começa a entrar no mercado. O Paraná, até o início desta semana, havia colhido 33% de sua área. Todavia, as lavouras a serem colhidas sofrem fortemente com a seca naquele Estado (algo não muito diferente no Rio Grande do Sul, embora neste caso a colheita seja para o final de outubro e novembro). No Paraná, 47% das lavouras a serem colhidas estão em boas condições, 34% regulares e 19% já se encontram em condições ruins.

De forma geral, a safra brasileira se confirma menor devido aos problemas climáticos nos três estados do sul. Segundo Safras & Mercado, a produção final poderá ser de 5,6 milhões de toneladas, com este número podendo ser revisto para baixo nas próximas semanas, sem considerar a perda de qualidade do grão. No ano anterior a colheita foi de 6,7 milhões de toneladas.

Neste contexto, se a quebra de safra permite esperar preços melhores, é bom lembrar que tal melhoria virá apenas para o produto superior, já que o escoamento de trigo para ração, neste ano, será mais difícil em razão da grande oferta de milho. Por outro lado, diante de um Real que se mantém valorizado (na faixa de R\$ 3,05 a R\$ 3,10 em boa parte desta semana), o produto importado, especialmente da Argentina, continua muito competitivo e segura qualquer possibilidade de aumentos consistentes nos preços internos. Lembrando que a colheita no vizinho país se dará especialmente em janeiro próximo.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 24/08/2017 a 14/09/2017.

Gráfico da Variação das Cotações do TRIGO entre 24/08 e 14/09/2017 (CBOT)

